

Este que se apureza em um arbo

Numero 3

Recife, 15 de Maio de 1886

Anno I

TRIBUNA ACADEMICA

FOLHA QUINZENAL

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO

Escriptorio e Redacção—Praça do Conde d'Eu 32, 2.º andar.

TRIBUNA ACADEMICA

Eis-nos com o n.º 3.º da nossa "Tribuna Academica" na arena da imprensa.

Para muitos isto significará quasi nada, para outros muito e muito. A estes — que apreciem a nossa força de vontade, a nossa coragem, e que nos sirvam de animação e criterio os seus applausos; a aquelles — arranquemos de seus cerebros pequeninos a reluctancia ás causas uteis, beneficas, taes como esta, e façamos com que elles, asseclas da ignorancia, fóra das trevas de que se acham cercados, venham connosco arredar os espinhaes do caminho por que nos enveredamos.

Os que nos apreciam é porque sabem quão arduo foi o nosso empreendimento e quanto difficil a solidificação de uma empreza tal como a que encetámos, devido isto ao estado cataleptico da Litteratura em nosso centro na ausencia do balsa-mo restaurador que a faça despertar d'esse somno forçado e perigoso, d'esta lethargia. Assim para elles todos os nossos esforços afim de correspondermos as suas admiração e sympathia.

Entre nós nada mais insolito que sustentar-se por muito tempo um jornal litterario. Mau grado de muitos, elle tem a vida da melindrosa florinha que abre sua odorenta corola pela rociada da manhã e o Sol ainda não ha dado dois passos para o Meridiano já inclinada em sua tenue haste tem perdido a vida e a côr.

Sem a minima importancia, antes de satisfazer a primeira clausula de seu progamma, em meio do deserto, e rolando ao rigidô sopro do abandono, vaé como um papel sujo, ou

como uma fôlha secca cahir nas imundicias do desprezo. E porque? — Porque sendo a Imprensa o grande livro das artes, sciencias, e industrias etc, uma roedora traça veio polluir muitas de suas paginas, a critica insensata, a burlaria, a mofa, que encontraram um molle ninho na acceitação de espiritos acanhados e incultos, que se satisfazem com o riso, com a galhofa, deixando de lado a parte luminosa onde por bem pouco podem aprender muito.

Não queremos dizer com isso que a nossa "Tribuna" seja uma fonte de revellações scientificas, mas um tentamen em prol da nossa Litteratura academica semi-morta.

E' uma pedra, é mais um contingente para a reedificação do magestoso templo da imprensa litteraria e scientifica que se ia desmoronando pouco e pouco entre nós. Para ella pretendemos uma longa vida levando de avançada todas as difficuldades que se lhe oppozerem, e, esperando de nossos collegas, para elles apellamos, principalmente para os brios e dignidade daquelles que assistem compungidos os ultimos estertores da Sciencia sacrificada nos holocaustos do interesse e do capricho a bem de um punhado de paladinos, desfarçados em filhos de Minerva, verdadeiras gralhas enfatuadas com as pennas do pavão.

E esperamos porque isto será um protesto vivo contra o indifferentismo academico e uma alavanca de ouro para levantar a Escola de Direito do Recife á altura de suas tradições.

Ficamos certos que não será para nós a gloria de soerguel-a do barathro do obscurantismo, na morbida frieza moral de que se acha

acommettida, mas, firmes proselytos dos que tenham em mira tão grandioso intento, com elles envidaremos todas as nossas forças, prevenindo assim que nos atinja o epitheto de — fracos e preguiçosos.

Labor omnia vincit.

Divorcio

Nas trevas da antiguidade historica, durante as extravagancias selvaticas do espirito humano, não se havia ainda formado a trilogia da familia—o pai, a mãe e o filho.

O pai, esse juiz supremo do tribunal da familia, não existia com seu caracteristico proprio, porque o homem naquelles tempos não era senão o fecundador inconsciente da arvore, cujos fructos são a geração humana.

Somente a mãe, grande seara productora, era capaz de dar nome ao filho, não obstante ser considerada escrava, cousa.

Mas com tanta infelicidade o fazia, que esta affeição de seus carinhos em technologia propria não podia deixar de ser:

"filho das tristes hervas,
neto das aguas correntes"

O filho "sem pai no assento do baptismo," experimentando os revezes da fortuna juntamente com as zombarias ironicas do desprezo tinha de ir quotidianamente acolher-se sobre a protecção malefica do infortunio.

Eis ali a promiscuidade em seus desvarios damnificando o thesouro principal dos filhos.

Foi talvez assim que a humanidade iniciou a vida: o homem era tudo, a mulher escrava e o filho uma propriedade.

Emquanto o amor estava embriagado dormindo o somno das volupias criminosas nos seios da promiscuidade, poligamia e polyandria, a humanidade resentia-se necessariamente da falta de uma molecula na constituição do coração de pai.

Tudo era nudez e vergonha!

Desde a necessidade que tinham as filhas de negociar com o corpo para pagar ao pai o preço do primeiro osculo, até a franquia que os maridos faziam de suas mulheres concedidas aos seus amigos.

Desde a collocação da espada no leito de Brunhilde em noites de experimenta, até a concessão legal de que os maridos velhos podiam procurar para as suas mulheres moças rapazes bellos e virtuosos.

Desde a compra das filhas por presentes ou serviços prestados aos paes, até a condemnação á morte daquella que, uma vez fraca de energia e violadora dos mysterios conjugaes, deixava que outro rompendo o cinto fizesse-a commetter o adulterio.

Quando se falla de costumes as excepções são constantes.

Os dados de que podemos dispôr para descobrir a verdade do passado, são multiplos e ás vezes contradictorios; todavia iremos discorrendo conforme nos parecer mais razoavel.

As uniões sexuaes dessas epocas tão remotas não podem obter rigorosamente a denominação de casamento.

Nestas relações sempre predominou o mais forte, pelo que a mulher era objecto de conquista endogamica ou exogamica, de modo que ella uma vez adquirida constituia uma propriedade, um objecto de exploração, tendo assim o seu possuidor o direito de emprestá-la, esbordoá-la, legal-a, vendê-la e até matá-la.

Diz Hearn que varias vezes assistiu aos combates dos pelle-vermelhas, quando buscavam a posse das mulheres, que submissas e humildes viam e esperavam o jogo da sorte.

"Nunca assisti, diz, a um desses combates sem ficar vivamente commovido vendo o objecto da disputa a esperar calada e passiva a decisão da sua sorte."

Estas mulheres experimentavam ás vezes tal repugnancia em acompanhar os novos maridos, que era preciso obrigar-as, arrastando-as nuas para o domicilio destes.

Não ha pois justificação plausivel para qualquer um dos tres estados primitivos, durante os quaes foram celebradas as relações sexuaes dos seres racionaes.

Em qualquer um a mulher occupa uma posição humilhante, de modo a escravisar o corpo e a alma.

E' com o nascimento da monogamia que a mulher adquire melhora em sua condição de serva.

Para perfeita composição da familia e melhor regularidade da filiação fez-se preciso o estabelecimento da monogamia, apesar das rivalidades e contra a vontade dos pode-

rosos porque, desde que a mulher era sejeita á venda, elles poderiam viver como polygamos, enquanto que aos pobres estava reservado o ser polyandros.

Aquelles buscavam para si um serralho, onde tivessem carinhos femenis em demasia: a estes era vedado o direito de possuir sob o tecto da pòbresa o riso da esposa.

Compreende-se a desigualdade da distribuição e os graves inconvenientes, que d'ahi provinham.

Ainda sob o dominio da monogamia, o marido cria ser esta instituição uma simples ficção legal, de modo que lhe era permittido ter relações com algumas concubinas, como ainda hoje succede.

O mesmo porém não se observava quanto á mulher, que era severamente punida, se rompendo os laços da alliança conjugal consentisse que um estranho viesse plantar a semente no campo de seu marido.

Realizado assim o casamento, a mulher alcança então uma certa independencia, estando sempre sob a sujeição e vontade de seu marido, que podia repudial-a em virtude de adulterio, ou mesmo por fracas e pequenas razões.

Influenciado pelas idéas christãs o casamento sagrou a mulher esposa e fez das nupcias uma associação eterna, que somente a morte de um dos conjuges tem o poder de rasgar o laço da união conjugal.

Não é por certo este o ultimo desenvolvimento do casamento, porque elle só deve existir e ter vigor, enquanto reinarem a paz e o amor na familia.

Desapparecendo estas condições a união conjugal deve ser rota, conforme as conveniencias da sociedade.

E' preciso portanto estabelecer o divorcio.

(Continúa.)

EUCLIDES QUINTEIRO.

O Positivismo

Quando procuramos estudar o vasto dominio philosophico do seculo XIX, não podemos deixar de abordarmos á grandiosa systematização dos conhecimentos humanos, obra fecunda e elaborada pelo grande genio de A. Comte de accordo com a filiação historica e a hereditariiedade tanto em relação ao dominio cosmologico, como ao vital, social e moral.

Esta obra, que avassalou pela superioridade de seu methodo todos os conhecimentos adquiridos pela successão dos tempos, forma já hoje a maior synthese philosophica

do seculo em frente ás escolas actuaes.

Deve-se esta fecunda operação, como já dissemos, á possante cabeça de Comte, que com o vasto espirito de verdadeiro philosopho, afastou do dominio scientifico a futil theologia e a esmagadora metaphisica, pelo assentamento da relatividade dos conhecimentos humanos pensada com alguma antecedencia por Bacon.

Esta verdade limita os meios de estudo da sciencia: faz apenas necessarias a experiencia e a observação e estabelece a classificação racional d'ella segundo o principio da generalidade objectiva decrescente e da complicação crescente.

A lei da evolução humana, baseada na successão historica e evolução geologica, dá a racional explicação das phases pelas quaes passam as faculdades do homem e serve de fundamento á sociologia dynamica.

E' n'esta theoria philosophica que nós podemos observar quanto é fecunda a lição do passado historico.

A. Comte aproveitou a sua continuidade ininterrompida e a solidariedade humana na sua successão e movimento constante.

Assentou tambem pela transmissão hierarchica que todas as instituições humanas tiveram a sua razão de ser, e que aquelles que as estabeleceram concorreram para o progresso da humanidade.

A fecunda lei dos *tres estados* observada por Vico, Turgot e Kant foi constatada por Comte como uma das bases de sua philosophia.

Esta lei alem da comprovação historica tem tambem a biologica que consiste na mudança de estados porque passa o espirito humano: — theologico, metaphisico e scientifico ou positivo

No primeiro o mundo se apresenta ao espirito essencialmente objectivo, as manifestações exteriores do mundo são estudadas empiricamente é o Fetichismo em pleno vigor.

O homem crê em todos os objectos e os adora, para elle todas as cousas tem paixões e são animadas.

A sua vida é sedentaria tornando-se o homem assim subordinado ao mundo.

Depois o mundo exterior o começa a ferir, os objectos que não podem ser observados de perto o fazem passar da Idolatria á Astrologia.

Este pequeno periodo é a transição do Fetichismo ao Polytheismo e finalmente ao Monotheismo.

Estas tres phases formam o primeiro periodo que se chama theologico.

O Estado metaphisico é um periodo de reconstrucção e demolição,

estado de completa revolução, quer mental, quer social.

O terceiro estado, o positivo, é caracterizado pela verdadeira comprehensão do mundo e de suas leis.

Esta mesma lei dos *tres estados* foi applicada ás sciencias por seu fundador.

As sciencias se acham em uma ordem hierarchica começando pela mais simples á mais abstracta e á mais geral.

Em primeiro lugar o grupo das mathematicas que tem por objecto o numero, a extensão e o movimento.

Depois a Astronomia, a Physica, a Chimica, a Biologia e finalmente a Sociologia.

Como quer Littré, temos uma outra sub-serie que se compõe da Esthetica, Moral e Ideologia.

Eis ahi os dois pontos principaes do positivismo: a concepção de uma evolução historica, social e mental; a concepção de uma sciencia geral para a qual convergem todas as sciencias particulares.

O fim da doutrina positiva é estabelecer uma harmonia exata entre o desenvolvimento historico e o encadeamento das sciencias, e em se guida prever e dirigir o curso dos destinos humanos.

Este alvo a que se destina o positivismo, isto é, a criação da sociologia dá em resultado o ajuntamento das sciencias suas auxiliares.

Concebeu Comte que assim como o mundo animal, o mundo vegetal, a humanidade deve ter suas leis que a experiancia pode observar.

A evolução das sociedades não é um producto do acaso, pensou elle, no futuro ella deve ser uma resultante de factores certos entre os homens.

Tal é o objecto da sociologia, esta sexta e derradeira sciencia, que tem por forte auxiliar a Biologia.

Recife—86.

SAMUEL MARTINS.

Trahio-se

Ante um tocador de fino lenho,
Que suspende um espelho emoldurado,
Eu a vi forgicando um penteado
Do gosto mais moderno, o mais gamenho.

Co'as mangas do roupão arregaçadas
Mostrava nús uns braços de marfim,
Tendo prezas nos labios de carmim
Duas bonitas rozas encarnadas.

Porfim tendo as madeixas entrancado,
Dos labios toma as flor's e as fitando,
Leva ao olphato após as ter beijado;

Assim eu soube qu'ella estava amando,
E um presente ser do namorado
Aquillo que ella estava desvellando.

FIGUEIRÔA SOBRINHO.

A sociologia do Sr. Herbert Spencer

Apezar da boa fé do mundo, se é sempre conservador, progressista ou radical, quer por natureza, quer por educação, ou mesmo por contagio.

Pelo nascimento e pela familia pertencemos a esta ou aquella classe da sociedade.

Fomos educados em uma religião qualquer, ainda que seja naquella, que consiste em negar ou ignorar o proximo.

Emfim é-nos impossivel sermos patriota sem termos alguns traços de bairrismo. Eis porque ninguem pode de assentada collocar-se no ponto de vista de onde perceba os phenomenos sociaes taes quaes são na realidade, ou então possa julgá-los com equidade.

Entretanto é possivel attingir á imparcialidade exigida pela sciencia, porém sob uma condição: é de toda necessidade submeter-se á uma disciplina, á uma especie de fascinação, cujas regras nos são dadas pelo Sr. Spencer, e que se resumem no estudo das diferentes sciencias na ordem da classificação de A. Comte.

Deve-se começar pela logica e pela mathematica que são as unicas capazes de originar uma "fé inabalavel"—notai a palavra *fé*, que é muito justa—nas necessidades de relação. As verdades arithmeticas e geometricas imprimem no espirito o typo da verdade necessaria; seguem-se-lhes a physica e a chimica, que fortificam e tornam precisas as idéas de causa e de effeito.

Todo o mundo tem a este respeito um sentimento mais ou menos vago; porém, por falta de cultura scientifica, este sentimento conduz aos mais grosseiros erros; é esta a razão que nos aconselha a adquirir o habito de medir, experimentar e verificar. Entra-se então nas sciencias concretas, nas sciencias da vida ou biologicas, que familiarizam o espirito com as idéas de continuidade, complexidade e continencia.

Ensinam-nos a comprehender a acção de uma causa, que por assim dizer propaga-se ao infinito, do mesmo modo que vemos estenderem-se os círculos formados n'agua pela queda de um corpo, e que não tem outro limite senão a propria superficie liquida.

Uma quantidade microscopica de materia póde servir de vehiculo á uma particularidade constitucional hereditaria; decorridos 50 annos ella pode produzir a loucura ou a epilepsia; no fim desta longa duração, acções e productos lentamente desenvolvidos manifestam-se

por notaveis desordens nas funcções e na structura.

Facil é conhecer, que o estudo de tão complexos phenomenos é de extrema utilidade em preparar a intelligencia para os phenomenos sociaes, de pontos mais complexos. Emfim, é escusado indicar a necessidade da psychologia.

Com effeito, como comprehender os phenomenos sociaes, si a elles não preceder o estudo das idéas e dos sentimentos d'alma humana!

Esta disciplina, cujo espirito é rigorosamente positivista, dá ao futuro sociologo plena posse de seu methodo. Acha-se então preparado para encetar o estudo da sciencia e comprehender o seu principio fundamental, indicado do seguinte modo por H. Spencer: " Havendo homens que possuam certas propriedades, um *aggregado* (isto é uma sociedade) de tres homens possuirá propriedades derivadas das dos individuos, as quaes podem constituir o objecto de uma sciencia." Por outros termos, os factos sociaes de qualquer genero provém das relações dos homens entre si; ora, estas relações são determinadas pela natureza individual de cada um destes homens, si pois conhecermos os caracteres communs a todos estes homens, poderemos deduzir os caracteres communs a toda a sociedade humana; si conhecermos as condições particulares em que uma sociedade se forma ou se desenvolve, poderemos d'ahi deduzir certos caracteres particulares desta sociedade.

O naturalista que corta em duas partes um polypo, sabe que cada uma destas secções dará nascimento a um polypo e não a um mollusco. O chimico sabe que o chrystal que se formar em uma solução de sal marinho será de systema cubico.

Do mesmo modo o sociologista, conhecendo a natureza dos homens, que formam uma sociedade, saberá tambem quaes serão os caracteres desta sociedade.

O raciocinio tem identico valor nos tres casos; são tres applicações da seguinte lei geral: " o caracter do *aggregado* é determinado pelos caracteres das unidades que o compõem."

O espirito positivista consiste precisamente em querer estender esta lei ás sociedades humanas.

" Os que foram educados, diz Spencer, na crença de que existe uma lei para o universo e outra para a humanidade surprender-se-hão, sem duvida com o pensamento de incluir os *aggregados* de homens em nossa formula." Entretanto cumpre que nos habituemos a esta idéa, si quizermos comprehender um

pouco a sociologia, porque toda ella baséa-se neste principio.

As sociedades humanas são aggregados naturaes, como os crystaes como as plantas, como os animaes,

A molecula está para o crystal, a cellula está para o ser vivo, como o ser humano está para a sociedade. (Continúa.)

HILDEBERTO GUIMARÃES.

Duas palavras sobre Mathematica

I

A mathematica, a mais antiga e a mais perfeita de todas as sciencias, occupa o primeiro lugar na hierarchia scientifica. Esta perfeição, porém, não é muito remota, não data dos seculos passados,

E' certo que Lagrange communicou ás partes principaes da mathematica um caracter de unidade que até então não existia; a Augusto Comte, porém, cabe a gloria de ter desenvolvido e aperfeiçoado essa sciencia no seculo actual. Ao fundador do Positivismo devemos a definição rigorosa e as divisões fundamentaes de que vamos tractar em ligeiros traços.

II

Os geometras que precederam a Comte definiam a mathematica — *a sciencia que tem por fim a medida das grandezas*.

A questão — *medir uma grandeza* — só desperta em nosso espirito a ideia de comparação directa ou immediata d'essa grandeza com outra semelhante, já conhecida, que se considera como unidade.

Esta definição, se bem que justa, é imperfeita.

A medida directa de uma grandeza na maioria dos casos é impossivel, e em virtude d'esta impossibilidade os antigos philosophos forão levados á formação da sciencia mathematica.

Para frisarmos bem a imperfeição d'esta definição, supponhamos que se tracta de medir uma linha recta por meio de outra recta.

Será sempre possivel obter-se a medida immediata d'essa linha recta? Não, porquanto, nem sempre podemos satisfazer as condições exigidas, entre as quaes a primeira é — *poder percorrer a linha de uma extremidade á outra para applicarmos a unidade em toda a extensão*.

Esta mesma observação applica-se á maior parte das grandezas cujo conhecimento é de grande interesse; taes como, as distancias que entre si guardam os corpos celestes e a maior parte das distancias entre pontos terrestres.

Em vista d'essas considerações, vemos que a comparação directa só é exequivel em um numero de casos muito limitado.

Diremos pois, com exactidão que a mathematica é — *a sciencia que tem por fim a medida indirecta das grandezas*.

Nas especulações mathematicas procuramos sempre determinar as grandezas umas por meio de outras segundo as relações precisas que entre ellas existem.

Esta definição applica-se a toda sciencia, porquanto, como diz Comte, *a verdadeira sciencia tem por fim, conhecidas as relações que prendem certos phenomenos a outros conhecidos, determinar os primeiros por meio dos segundos*.

III

A solução de qualquer questão mathematica compõe-se de duas partes inteiramente distinctas quanto a sua natureza, mas entre si relacionadas invariavelmente.

Na primeira d'estas partes estão comprehendidas *as relações existentes entre as quantidades que se consideram*; na segunda trata-se de determinar *os numeros desconhecidos, quando se sabe a relação precisa entre elles e os numeros conhecidos*.

D'ahi resulta a divisão fundamental da mathematica em *mathematica concreta e abstracta*.

Esta divisão estabelecida, como já dissemos acima, por Comte, é a *unica verdadeiramente racional*, porquanto, derivada da propria natureza do objecto da sciencia, apparece, desde que se sujeita qualquer questão mathematica a uma analyse perfeita.

A mathematica concreta, tendo por objecto *as equações dos phenomenos*, comprehende a *geometria* e a *mechanica*. A mathematica abstracta é o *calculo*, que abrange todo o genero de operações numericas desde *as mais simples ás mais transcendent* e tem por objecto a *solução das questões dos numeros*.

A phase abstracta da mathematica é, por sua natureza, geral, ao passo que a phase concreta é especial. O calculo tem um caracter philosophico puramente *logico, racional*; a *geometria e a mechanica* têm um caracter *experimental, phenomenal*.

JOSÉ HUGO.

A Industria em Pernambuco

E' muito conhecido o pessimismo de meia duzia de descrentes que falam a cada passo do atraso e morosidade em todos os negocios do nosso paiz, tomando por argumento

os Estados-Unidos da America do Norte.

Primeiro que tudo não podemos admittir absolutamente semelhante comparação, já pela differença entre os povos que primitivamente habitaram as duas nações, depois de seus descobrimentos, já finalmente pelas circunstancias das instituições daquelle republica, muito favoraveis a uma grande immigração. Depois disto não nos julgamos em tão deploravel estado de atraso, como pintam os maldizentes.

Além de que o Brazil só é responsavel por seus actos depois de sua independencia do jugo europeu, contudo não quer isto dizer que somos optimistas, convictos de um progresso consideravel. Não. Porém vejamos, por exemplo, o nosso Pernambuco.

Haverá quem lhe negue o adiantamento em sua edificação, nas artes, na agricultura mesmo?

A industria, do que muito necessita o Brazil é o principal assumpto de que nos occupamos, em vista do aspecto que ultimamente nos apresenta de um desenvolvimento esperançoso.

Sem esquecer João Fernandes Lopes na Agencia Agricola, Martins & Bastos com a sua fabrica de oleos, e outros não menos trabalhadores, o Sr. Antonio Pereira da Cunha é o vulto mais saliente da Industria Pernambucana.

Alguns possuem um capital e as vezes não pequeno, mas preguiçosos e sem a coragem precisa para as grandes emprezas, empregam o seu dinheiro em apolices. Outros, embora trabalhadores, sem capital nem estimulo desanimam de tudo e nada emprehendem.

Mas o Sr. Cunha dotado de muita força de vontade e de uma actividade commercial invejavel, fundou a Fabrica Apollo e pouco a pouco chegou a ser a principal desta provincia.

A Fabrica Apollo occupa quasi um cento de empregados e é de uma pontualidade e acio notaveis, sobresahindo em tudo a mechanica.

A sua typographia pelo seu cabedal e nitidez em trabalho, é a primeira em seu genero nesta capital.

Em fim o seu proprietario zeloso e animado merecia um estimulo do governo, mas... Si fosse na Corte... Si o Sr. Cunha fosse um politico rico e exaltado...

Dispense o nosso industrioso comprovinciano as medalhas de metal, que azinhavram as consciencias, e receba os applausos da mocidade pernambucana.

BIANOR DE MEDEIROS.

Garça

(IMITAÇÃO)

A Leopoldo Cirne

Oh! ella era uma garça verdadeira,
Quando voava em ondas d'harmonia!
A sua face nivea se tingia
D'um palor que imprimia-lhe a carreira!

A sua veste branca. A feiticira
Por sobre um mar de loura phantasia,
Na vertigem da walsa parecia
Ave branca dos mares altaneira!

Ia em busca dos céos estrellejados;
Despertavam as almas confundidas...
E olhavam-n'a os astros espantados!

E walsava... e nas voltas repetidas,
Levando corações assetiados,
No turbilhão arrebatava vidas!

H. MARTINS.

O eclipse do abolicionismo

Hoje que a Academia parece querer despertar do lethargo, verdadeiramente atrophiador, em que tem jazido d'esde algum tempo; quando os moços academicos, procurando porfiadamente protestar contra o conceito pouco lisongeiro, que d'elles se vae fazendo, manifestão-se na imprensa em defeza das causas boas, que a todos devem interessar e mostrão não serem de todo indifferentes pelo bem estar e engrandecimento da patria brasileira; eu não posso deixar de fazer umas ligeiras considerações sobre a abolição da escravatura, entre nós por isso que continuo a considerá-la uma das questões, de cuja solução completa muito necessita o Brazil.

* *

O periodo de pouca agitação, por

O MENDES

A Figueirôa Sobrinho

Ha quatro annos. Vivia eu a vida restricta do humanista.

Eu me lembro... Foi numa quarta-feira...

O sol deixara o meridiano, havia longas quatro horas — ia caminho do poente.

O astro-rei dardejando obliquamente os seus raios, projectava por sobre o Capibaribe faixa rutilante que dividia as aguas do socegado rio em duas partes.

Não ha nada mais languido que o Capibaribe na sua foz. Não tem a impetuosidade rabida e indomita que se observa no Una, nem tão pouco o rugitar fremente das catadupas.

Nada disto. Elle espreguiça-se sem estorvo sobre o seu leito. E

que passa actualmente o movimento abolicionista em todo o imperio, e a que Joaquim Nabuco chamou— eclipse do abolicionismo — ha de passar muito breve, porquanto é devido á forte reacção do governo, e este não poderá jamais detel-o. Elle assenta sobre bases muito solidas.

A prompta abolição do captiveiro no Brazil é uma medida não só verdadeiramente moralisadôra, mas também altamente economica.

Isto é uma verdade que está na consciencia de todos aquelles, que não teem a razão obliterada pelo interesse mal entendido. Ella não pode soffrer contestação seria...

A lei de 28 de Setembro de 1885 não resolveo absolutamenfe a questão, visto como é vasada em moldes ainda mais acanhados, que aquelles da de 1871, a qual já não satisfazia ás exigencias da propaganda, servida pelos talentos mais robustos e pelas illustrações mais pujantes do Brazil inteiro...

Mas se o governo, influenciado pelos proprietarios de escravos, e apegando-se áquella lei, pretende paralyzar o movimento abolicionista no paiz; isto não é razão para que fiquem inactivos aquelles, que no abolicionismo enxergão uma necessidade da patria.

O egoismo mal entendido dos possuidores de escravos não pode fazer calar a voz da razão esclarecida, que se revolta, e do interesse geral, que se impõe.

O facto de opporem os escravocratas toda a sorte de embaraços á marcha evolutiva da propaganda abolicionista, não justifica, em caso algum, a inactividade dos adeptos do abolicionismo.

Se o ministerio, bem intencionado e prático, presidido pelo illus-

quando a maré com suas crispaturas ousa invadil-o, o prudente rio recúa mollemente.

A placidez de suas aguas contrasta com o rabido bolicio da antiga povoação dos Mascates transformada em capital da provincia de Pernambuco.

Neste scismar eu transpunha a ponte da Boa-Vista, e tomava o lado direito da rua da Imperatriz.

Eis que surge de um dos corredores de escada no principio da rua um antigo conhecido.

E sahindo-me ao encontro:
— Boa tarde. Como está? Como vai sua familia?

Tomado de surpresa exclamei:

— Oh! você como vai?

E' que muito tempo havia que eu o Mendes não via.

Não faz mal que se saiba quem era o Mendes, e por isso começo por fazer-lhe o daguerreotypo:

tre Conselheiro Pinto Dantas, não poude traduzir em lei o projecto, que apresentára á camara, projecto, que, naquelle tempo, era a maior concessão possivel aos senhores de escravos; não é justo que hoje conservem-se no indifferentismo, os abolicionistas d'então, diante dos tropeços, que lhes antepõe o gabinete do Snr. Barão de Cotegipe.

Porque, enquanto no poder o ministerio Dantas, a iniciativa particular era bafejada pelo governo, e hoje este procura reprimil-a a todo o transe; ella não deve absolutamente tornar-se nulla, pelo contrario, deve impôr se a elle como uma força viva da nação, que necessita de ser secundada pelos seus delegados....

Juntem, pois todos os brasileiros de espirito esclarecido, os seus esforços em prol da propaganda regeneradora, obrigando, assim o governo a dar uma solução prompta e efficaz á magna questão, que tanto interessa a todos os brasileiros, e terão prestado um relevante serviço á patria e á humanidade.

* *

As considerações, que ahi ficão, são um protesto que eu lavro contra o indifferentismo, que a respeito de uma questão, de tanto interesse para a patria, mostra actualmente a mocidade academica, esta mesma mocidade, que pôz-se á frente de toda a propaganda e indentificou-se perfeitamente com os illustres tribunos Joaquim Nabuco e José Marianno, quando em 1884 elles fazião a sua campanha abolicionista.

Maiô de 86.

MANOEL CAETANO D'A. MELLO.

Era baixo, alvo e corado, nem gordo, nem magro; tinha corpo proporcional á altura e barba regular, mas só usava bigodes.

Na occasião em que o apresento ao leitor, trazia um frack preto que, apesar de suas pretensões a dandy, não estava na moda, collete e calças brancas, relógio e competente cadeia, chapéo de feltro e botinas nacionaes.

Agora um pouco da *vidéa*.

Fôra caixeiro por alguns annos em uma villa do littoral de Pernambuco. Foi ahi que travei relações com elle. Nenhuma economia tinha. Era um desses *pandegos* que outro futuro não têm que não seja um casamento *arranchado*. Ora estava em Victoria, ora em Goyanna, no Recife, etc.

O Mendes não era propriamente um *D. Juan*; mas era um *aventureiro*.

A Academia do Recife

Está no dominio de todos, e de uma maneira bem lamentavel, o entorpecimento e decadencia em que vae a Faculdade do Recife.

Uma risada alvar, um mixto de desprezo e compaixão acolhe os poucos movimentos generosos academicos.

Aqui, a Faculdade parece ter cahido n'um ridiculo que a esmaga, sem que tenha forças bastantes para repellil-o.

E' isto o que todos reconhecem.

A imprensa d'esta provincia e a da Côte, até o proprio Imperador, em sua *Falla do Throno*, já se occuparam d'essa especie de morbidez que nos condemna e desmoralisa.

O *Diario do Brazil*, tratando largamente d'este assumpto, pinta com as mais negras côres a nossa phase actual e dá-lhe como causa principal— as reformas dos Srs. Conselheiros Leoncio de Carvalho e Franco de Sá.

Pondo de parte a severidade do julgamento e os exageros com que nos brinda o grande órgão fluminense, eu não posso deixar de concordar que a Academia do Recife tem descido e descido muito no conceito publico.

Não procede, porém, a accusação de que esse estado de cousas é uma consequencia fatal das duas reformas liberaes.

Meréceria os apupos de todo o mundo pensante aquelle que nos visse acenar hoje com um decreto de obrigatoriedade de ensino.

E o desejará realmente o *Diario do Brazil*? Ou os seus artigos traduzem uma systematica opposição politica ao illustre Conselheiro autor da reforma de 19 de Abril?

Nisto faço-lhe favor, não porque elle fosse realmente um *pelintra*, mas porque aventureira é muita gente boa. Depois que o Sr. Joaquim Nabuco se disse *aventurero*... de ideias, não faltam por ahi *aventureros*.

Vejam os que queria o Mendes de mim.

— Você que sabe inglez, disse elle, pode fazer-me uma traducção.

Fiquei arrepiado. "Fazer uma traducção do inglez sem o auxilio do dictionario era um horror. Fico desmoralizado, pensei eu."

Pretextei occupações e procurei safar-me; mas o Mendes estava muito empenhado e não admittia razões. Fui então obrigado a dizer-lhe que não sabia inglez; com que vergonha, sabe-o Deus.

— Mas você não fez exame?

— Fiz, e traduzo alguma cousa; mas d'ahi não se segue que eu sai-

Me parece que a ultima das hypotheses é a mais possivel.

Se "a liberdade de ensino foi logo transformada em abusos e escandalos para os patrocinados d'estas entidades que se acham collocadas nas grimpas do poder" deve-se por isso colligir que ella é inexequivel e má?

Certamente que não. A sua boa execução não dependia, pelo menos de um modo directo, de quem a confectionou.

Tambem a reforma do Sr. Franco de Sá não pode ser considerada a causa motora da desorganisação e descredito da Faculdade.

E se não, compare-se os seus effeitos n'esta provincia com os que se deram em S. Paulo.

Aqui, o escandalo, os passaportes á ignorancia e á peraltagem; lá um continuamento exacto de approvações merecidas, pensa o *Diario do Brazil*.

E se assim é, pergunto eu, se a reforma é impossivel, como produzio resultados tão oppostos, tão diversos?

Dou de barato, creio mesmo, que ella tenha concorrido em parte para nosso descredito, mas nunca poder-se-ha consideral-a como sua causa unica ou primeira.

Seja, porém, como for, o nosso estado actual é desmoralizador.

E de nós muito depende a realidade de melhor futuro.

Aguardemos o que nos promette de reforma a nova situação politica do Brazil, mas fiquemos tambem certos de que por melhor que ella seja, por si só não nos poderá rehabilitar na opinião publica.

Estudemos e estudemos muito.

Sacudamos essa especie de torpor que nos invade, tenhamos a cora-

ba bem o inglez, disse-lhe procurando servir ao meu amor proprio.

— Mas traduz, não é?

— Tra...duzo.

— Pois bem, é isto o que eu quero. Traduza-me isto aqui.

E tirou do bolso um cartão no qual estavam escriptas algumas linhas em manuscrito, abaixo de uma impressa em caracteres gothicos e com tinta azul.

Tal era o meu desapontamento e tal era a anciedade de safar-me do Mendes, que eu não li o nome que vinha impresso.

Devorei com uma presteza vertiginosa as linhas manuscritas.

Eis o que diziam ellas:

"Faça favor não me incommodar mais, BECAUSE I DONT LOVE YOU."

Eis ahi; o Mendes era aventureiro de amores.

Recobrada a calma, assumi uns ares de mestre-escola e disse:

gem das nossas convicções e proclamemos bem alto as nossas crenças, as nossas cogitações, e havemos de nos impor pelo nosso estudo, pela nossa independencia.

ARTHUR D'ALBUQUERQUE.

O Brazil e a sua forma de governo

Não me occuparei do velho thema da indagação de qual o melhor systema de governo, que se poderia aqui julgar uma these preliminar.

Considero, (e sempre considerei-a tal), esta questão uma these nulla, toda vez que não por ha-n'a nos devidos termos, toda vez que ella não seja collocada no terreno proprio; quero dizer— sempre que não se attender as circunstancias de tempo, lugar, meio intelligencia etc, é ella irrespondivel.

Entendo que a celebre proposição do notavel auctor da *Graziella* — *a republica não convem á qualquer paiz sem distincção de indole e progresso* que aliás nada perde com a variante do sujeito por qualquer dos outros systemas de governo, estabelece um principio geral de que a minha these de acima é simplesmente corollario.

Agora, amoldando a icéa ao meu objecto no presente escripto, penso que o governo republicano não convem ao povo brasileiro, já em virtude de sua indole, já em virtude de seu estado actual de cultura.

Como d'aqui já alguns d'estes amigos de conclusões faceis pode colligir que eu sou um monarchista *curaçé*, na phrase já sedicã dos palestrantes de *cafés*, quero, antes de passar adiante, declarar que em ma-

— Mendes: *Because* significa *porque*; *I, eu*; *love, amo*; *you, vos*; de modo que se não fosse aquelle *dont*, teriamos: *porque eu vos amo*.

— *Dont* deve ser *muito*. *Eu vos amo muito*, concluo o aventureiro.

— E' exacto, disse eu.

E safei-me dando *Deo gratias*. O credito ficara em pé.

E digam se esta não parece com a do inglez que deixou queimar o palitot do outro por lhe não saber o nome.

Do susto raspado só me restava uma vaga compaixão do Mendes.

— Ora já se vio? Pois o Mendes não está doudo? Pobre rapaz!

Porém passados alguns dias, eu vi o Mendes no seu juizo perfeito.

Eu é que estava gyrando.

Aquillo eram cousas de namorados!

GALDINO LORETO.

teria de politica, mais do que em qualquer outra, penso que a seguinte phrase do illustre mestre Tobias Barretto—*não sou do numero dos que se julgando uma vez de posse da verdade, nunca mais se convencem de que tomaram cobre por ouro*, é de uma verdade incontestavel.

Isto quer dizer que não será um phenomeno que d'aqui á alguns annos me vejam perfeitamente republicano.

Ainda este meu conceito se harmonisa em tudo com a opinião de Lamartine acima citada.

Portanto, se hoje juro fé ao governo monarchico constitucional representativo*, não será uma apostasia que amanhã, quando a cultura tiver modificado a indole do povo brasileiro, eu saia a campo de lança em riste para combater ao lado dos denodados campeões republicanos.

O paiz evolue, suas necessidades são outras cada dia, e é natural que o que hoje lhe é um bem, lhe seja amanhã um grande mal.

Feita esta observação, que aliás não me affastou demasiado do assumpto de que pretendo me occupar, reato o fio de minhas idéas.

Dizia eu que o governo republicano não convem á minha patria.

E nem se argumente contra a minha asserção com os grandes rasgos reformistas de Tira-dentes ou de Caneca.

São factos isolados, bellos poemas do martyrologio republicano, no Brazil, que nada provam contra o meu modo de pensar.

Para mim, a reforma das nossas

velhas instituições monarchicas não se fará com a revolução.

Eu sei que ella é o direito supremo dos povos, na phrase de um notavel escriptor contemporaneo, mas sei tambem que, para fazer valer o seria myster maior actividade, maior força de vontade do que aquella de que constantemente damos sobejas provas.

Entre nós, não será o sangue dos martyres que fecundará o solo donde ha de brotar a arvore da republica.

Para que uma revolução possa operar a reforma do nosso systema de governo, será necessario que ella abale de norte a sul toda a nação, e não que appareça como em 17 ou 24, para ser afogada no nascedouro pelos proprios pulsos de outros brasileiros, e como significando apenas aspirações de alguns moços imbuidos das idéas democraticas modernas.

Ah! não duvideis do leão que dorme—me dirá um poeta repetindo um verso celebre, porem eu creio que o somno que o Brazil dorme é uma especie de lethargia immensa, de que não o podem despertar nem os desatinos de um governo autocrata, nem tão pouco os levantamentos de uma pequena porção do territorio nacional.

Governar! dizia Guizot um dia, é o mais difficil emprego das faculdades humanas! Governar! é comprehender a vida da sociedade, e converter as suas idéas e aspirações em actos do poder publico.

Realmente para governar, é necessario antes de tudo, que haja da

parte dos homens encarregados do governo, muito patriotismo, muito desejo de bem servir ao paiz.

Não é com estadistas da *catadura* do Exm. Sr. Barão de Cotegipe, o qual fazendo a eleição da Canara, no perfeito dominio da eleição directa, que mereceu, seja dicto de passagem, em outros tempos os encomios de gregos e troyannos, achou meios de introduzir no seio da representação nacional cidadãos, contra os quaes se manifestou claramente a vontade popular; não é com taes estadistas, repetimos, que se ha de salvar o paiz do profundo abysmo, para que marcha á passo de carga. (Continúa.)

Maio, de 1886.

AVRES BELLO.

* E' possivel que n'um outro escripto, combata a hereditariedade do throno.

Soneto

Na minha estante

Estes livros constituem meu thesouro,
Esta estante representa o meu sacrario,
Oh que grande valor tem este armario!
Para mim que o preso mais que o ouro.

P'ra aquelles que em leitura s'exercitam,
Mas não gostam de ler livros comprados,
Elles são quaes senhores potentados,
Podem ser visitados, não visitam.

E portanto se alguém, algum caipora
Inda assim me pedir uma brochura,
O seguinte ha de ouvir o *capadura*:

Emprestados tenho muitos, em má hora!
Que a mór parte p'ra o *sebo* foi-se embora!
E sem ao menos riscar-me a assignatura.

BIANOR DE MEDEIROS.

FOLHETIM

N'UMA REPUBLICA

(SCENAS DA ESTUDANTINA)

— Como então? Nós os homens do futuro, os filhos da sciencia, supportarmos o jugo d'esse traidor que nos surpreheende em nossos arraias a horas de licenciamento e tomam-nos de assalto! Maldicta *quebradeira*!

— Nada de discursos... estas lamentações ferem-me em cheio na corda sensível. Não m'o venhas lembrar que estamos a 6 do mez e de minha mezada nem mais um X possuo...

— E ficará ainda uma vez addiada a nossa pandega, tão sonhada, pelo Caxangá. Falta-nos o principal—*a verba, si ne qua* não podemos fazer cousa alguma.

— Ah! que accudio-me uma lembrança soberana! Concebi-a agora mesmo: bella como um sorriso apaixonado da Margarida do Gounód a escutar as doces fallas do coração de Faust!

— Bonito! Isto é teu?...

Tive uma lembrança que vai ser acolhida, unisonamente, com um grito de alegria: apesar de meu *Autran* ter alguns lavoresinhos de traças, e isso por-

que eu um dia d'esses indo desempoeirar a estante vi-o (não porque eu o tivesse aberto para estudal o) está novinho e encontraria eu o mesmo por que o comprei, se não fóra as amaldiçoadas traças! Em todo caso cinco mil réis estão alli seguros.

— Neste caso iremos sempre hoje. Não comeremos, é verdade, para tanto não chegaria tão pouco.

— Por certo que elles não serão fabricados com o leite da mangabeira.

— Mas as passagens do *trem* estão salvas e é o quanto basta. A *laranginha* e o *Capibaribe* nos esperam de *braços abertos*.

— Sobre tudo não esqueçamos a *laranginha*: essa cosmopolitica e fascinadora filha de Lyêo e da Tempestade que deixa na sua passagem myriadas de cerebros a trescalarem de sonhos e de idéas côr-de-rosa.

— Como a fumaça d'esse meu cigarro?

— Viva a velhice vigorosa de Bassarêo que tem nos labios uma risada eterna!

— Vivô.... vivô....

— Mau.... Não ouviram?

— O que?

— Batem a porta. Será algum cadaver ambulante? Em má hora....

— Não será em nossas algibeiras que encontrará sepultura: embalsamal-o-hemos.

— Pode entrar. Quem é?

— Oh!.... enorme Alvim.... tens

sempre boas pilherias. Palavra que nos fizeste raspar um susto não pequeno, mas em compensação vens nos tirar a corda do pescoco.

— Esses *cadaveres*....

— Estás assim com feições *dinheirosas*. Recebeste hoje a mesada? Salva-nos, anda....

— E por signal que de 75 só me restam 12. Por certo que não foi para mim que a recebi. Aquelle marinheiro (a proposito de mezada) parece-me que foi inspirado ou por Deus ou pelo Diabo: ainda eu não me havia despido quando em casa, e já elle me atarrachava pelo nariz a dentro uma conta do que eu já não me lembrava. Fui generoso: enterrei-o. O pobre diabo já estava em estado de putrefacção e....

— Vamos ao que nos interessa.

— O que vossês querem então de mim?

— Sabes, a *quebradeira*....

— Não fallemos d'ella, é *chapa* entre nós; nem mais a *potassa* a alvejará.

— Com os teus doze mil rs....

— E mais cinco do Henrique.

— ...ficaremos mais ricos que o Rotchild inglez. A noite de hoje será esplendidissima como um *Ballo in maschera*.

— O Caxangá já foi designado para ser o theatro da nossa pandega. Viva o Alvim!

— Merece a nossa apothese. Viva! viva!

estado de completa revolução, quer mental, quer social.

O terceiro estado, o positivo, é caracterizado pela verdadeira comprehensão do mundo e de suas leis.

Esta mesma lei dos *tres estados* foi applicada ás sciencias por seu fundador.

As sciencias se acham em uma ordem hierarchica começando pela mais simples á mais abstracta e á mais geral.

Em primeiro lugar o grupo das mathematicas que tem por objecto o numero, a extensão e o movimento.

Depois a Astronomia, a Physica, a Chimica, a Biologia e finalmente a Sociologia.

Como quer Littré, temos uma outra sub-serie que se compõe da Esthetica, Moral e Ideologia.

Eis ahi os dois pontos principaes do positivismo: a concepção de uma evolução historica, social e mental; a concepção de uma sciencia geral para a qual convergem todas as sciencias particulares.

O fim da doutrina positiva é estabelecer uma harmonia exata entre o desenvolvimento historico e o encadeamento das sciencias, e em seguida prever e dirigir o curso dos destinos humanos.

Este alvo a que se destina o positivismo, isto é, a criação da sociologia dá em resultado o ajuntamento das sciencias suas auxiliares.

Concebeu Comte que assim como o mundo animal, o mundo vegetal, a humanidade deve ter suas leis que a experiancia pode observar.

A evolução das sociedades não é um producto do acaso, pensou elle, no futuro ella deve ser uma resultante de factores certos entre os homens.

Tal é o objecto da sociologia, esta sexta e derradeira sciencia, que tem por forte auxiliar a Biologia.

Recife—86.

SAMUEL MARTINS.

Trahio-se

Ante um tocador de fino lenho,
Que suspende um espelho enmoldurado,
Eu a vi forgicando um penteado
Do gosto mais moderno, o mais gamenho.

Co'as mangas do roupão arregaçadas
Mostrava nús uns braços de marfim,
Tendo prezas nos labios de carmin
Duas bonitas rozas encarnadas.

Porfim tendo as madeixas entrançado,
Dos labios toma as flor's e as fitando,
Leva ao olphato após as ter beijado;

Assim eu soube qu'ella estava amando,
E um presente ser do namorado
Aquillo que ella estava desvellando.

FIGUEIRÓA SOBRINHO.

A sociologia do Sr. Herbert Spencer

Apezar da boa fé do mundo, se é sempre conservador, progressista ou radical, quer por natureza, quer por educação, ou mesmo por contagio.

Pelo nascimento e pela familia pertencemos a esta ou aquella classe da sociedade.

Fomos educados em uma religião qualquer, ainda que seja naquella, que consiste em negar ou ignorar o proximo.

Emfim é-nos impossivel sermos patriota sem termos alguns traços de bairrismo. Eis porque ninguem pode de assentada collocar-se no ponto de vista de onde percebe os phenomenos sociaes taes quaes são na realidade, ou então possa julgá-los com equidade.

Entretanto é possivel attingir á imparcialidade exigida pela sciencia, porém sob uma condição: é de toda necessidade submitter-se á uma disciplina, á uma especie de fascinação, cujas regras nos são dadas pelo Sr. Spencer, e que se resumem no estudo das differentes sciencias na ordem da classificação de A. Comte.

Deve-se começar pela logica e pela mathematica que são as unicas capazes de originar uma "fé inabalavel"—notai a palavra *fé*, que é muito justa—nas necessidades de relação. As verdades arithmeticas e geometricas imprimem no espirito o typo da verdade necessaria; seguem-se-lhes a physica e a chimica, que fortificam e tornam precisas as idéas de causa e de effeito.

Todo o mundo tem a este respeito um sentimento mais ou menos vago; porém, por falta de cultura scientifica, este sentimento conduz aos mais grosseiros erros; é esta a razão que nos aconselha a adquirir o habito de medir, experimentar e verificar. Entra-se então nas sciencias concretas, nas sciencias da vida ou biologicas, que familiarizam o espirito com as idéas de continuidade, complexidade e contingencia.

Ensinam-nos a comprehender a acção de uma causa, que por assim dizer propaga-se ao infinito, do mesmo modo que vemos estenderem-se os círculos formados n'agua pela queda de um corpo, e que não tem outro limite senão a propria superficie liquida.

Uma quantidade microscopica de materia póde servir de vehiculo á uma particularidade constitucional hereditaria; decorridos 50 annos ella pode produzir a loucura ou a epilepsia; no fim desta longa duração, acções e productos lentamente desenvolvidos manifestam-se

por notaveis desordens nas funcções e na structura.

Facil é conhecer, que o estudo de tão complexos phenomenos é de extrema utilidade em preparar a intelligencia para os phenomenos sociaes, de pontos mais complexos. Emfim, é escusado indicar a necessidade da psychologia.

Com effeito, como comprehender os phenomenos sociaes, si a elles não preceder o estudo das idéas e dos sentimentos d'alma humana!

Esta disciplina, cujo espirito é rigorosamente positivista, dá ao futuro sociologo plena posse de seu methodo. Acha-se então preparado para encetar o estudo da sciencia e comprehender o seu principio fundamental, indicado do seguinte modo por H. Spencer: "Havendo homens que possuam certas propriedades, um *aggregado* (isto é uma sociedade) de tres homens possuirá propriedades derivadas das dos individuos, as quaes podem constituir o objecto de uma sciencia." Por outros termos, os factos sociaes de qualquer genero provém das relações dos homens entre si; ora, estas relações são determinadas pela natureza individual de cada um destes homens, si pois conhecermos os caracteres communs a todos estes homens, poderemos deduzir os caracteres commus a toda a sociedade humana; si conhecermos as condições particulares em que uma sociedade se forma ou se desenvolve, poderemos d'ahi deduzir certos caracteres particulares desta sociedade.

O naturalista que corta em duas partes um polypo, sabe que cada uma destas secções dará nascimento a um polypo e não a um mollusco. O chimico sabe que o chrystal que se formar em uma solução de sal marinho será de systema cubico.

Do mesmo modo o sociologista, conhecendo a natureza dos homens, que formam uma sociedade, saberá tambem quaes serão os caracteres desta sociedade.

O raciocinio tem identico valor nos tres casos; são tres applicações da seguinte lei geral: "o caracter do *aggregado* é determinado pelos caracteres das unidades que o compõem."

O espirito positivista consiste precisamente em querer estender esta lei ás sociedades humanas.

"Os que foram educados, diz Spencer, na crença de que existe uma lei para o universo e outra para a humanidade surprender-se-hão, sem duvida com o pensamento de incluir os *aggregados* de homens em nossa formula." Entretanto cumpre que nos habituemos a esta idéa, si quizermos comprehender um